



COMO SERÁ O
AMANHÃ?

13º ENCONTRO DE DIVULGAÇÃO DE CIÊNCIA E CULTURAL



MODELO ROXO – RELATO DE EXPERIÊNCIA

Como se inventa um corpo negro?: inteligência artificial, arquivo colonial e a memória negra em *Álbum de Desesquecimentos*

Pedro Gabriel Oliveira¹

Este relato tem como objetivo refletir sobre a experiência de visitar a exposição *O Mundo Através da IA*, realizada no Sesc Campinas e visitada no dia 28 de fevereiro, que reuniu dezenas de obras produzidas com ferramentas de inteligência artificial generativa, com foco no encontro com a série *Álbum de Desesquecimentos*, da artista soteropolitana Mayara Ferrão. O ensaio consiste em fotografias fictícias de pessoas negras e indígenas em cenas de casamento, beijo, gravidez, relações homoafetivas e outras situações afetivas do período colonial brasileiro, cenas que dificilmente teriam sido registradas ao longo da história do país.

Ao caminhar pela exposição e deparar-me com as imagens de Ferrão, a primeira sensação foi de estranhamento. Eram cenas de afeto simples, quase corriqueiras, ambientadas no período colonial — um recorte temporal que, é preciso esclarecer, antecede a própria existência da fotografia, técnica desenvolvida apenas ao longo do século XIX e consolidada no Brasil já sob o Império. A ausência que a obra torna visível, portanto, não está nos acervos fotográficos do período colonial propriamente dito, mas se prolonga pelos registros produzidos nas décadas seguintes, quando a fotografia se difunde no país e as hierarquias raciais herdadas da colonização seguem operando sobre quem pode ser fotografado e como. O arquivo fotográfico brasileiro foi historicamente assimétrico: enquanto famílias brancas registravam casamentos, maternidade e cotidiano, pessoas negras apareciam majoritariamente em fotografias antropométricas, registros policiais ou imagens de trabalho compulsório, de modo que a lógica colonial não apenas explorou corpos negros, mas determinou quais imagens desses corpos seriam preservadas para a posteridade. Diante da obra, essa constatação deixou de ser um dado abstrato e tornou-se uma experiência visual concreta: a falta que salta aos olhos quando, finalmente, ela é preenchida.

Essa experiência dialoga diretamente com a máscara de Anastácia, descrita por Grada Kilomba (2019) como um regime que organiza sistematicamente quem pode falar e quais afetos podem ser registrados como dignos de memória. Relaciona-se também ao que Frantz Fanon (2008 [1954]) descreve como esquema epidérmico racial, processo pelo qual o corpo negro, sob o grito que o interpela, deixa de se conhecer por dentro e passa a existir como objeto visto de fora. Quando me deparei com *Álbum de Desesquecimentos*, tive a impressão de observar o movimento inverso, o de um corpo que retoma, ainda que por vias tecnológicas ambíguas, a

¹ Mestrando em Divulgação Científica e Cultural (Labjor). Universidade Estadual de Campinas (Unicamp). Bolsista CAPES. E-mail: p300464@dac.unicamp.br



COMO SERÁ O
AMANHÃ?

13º ENCONTRO DE DIVULGAÇÃO DE CIÊNCIA E CULTURAL



autoria da própria imagem. Érico Andrade (2023), ao descrever a exclusão do corpo negro da lógica da modernidade ocidental, e Ruha Benjamin (2019), para quem a fotografia participa ativamente da produção de narrativas sobre quem merece ser lembrado, ajudaram-me a situar essa experiência dentro de uma genealogia mais ampla de exclusão dos arquivos oficiais.

A experiência de contemplar a obra não foi, contudo, isenta de desconforto, sobretudo depois de recorrer a Paul B. Preciado (2023), que propõe pensar o corpo como somateca, ou seja, um arquivo político vivo que se resulta da soma das ações que o forma. Dessa maneira, "assim como um bebê se alimenta de leite", escreve Preciado, "o bebê digital se alimenta de tungstênio, estanho, tântalo, lítio, cobalto, níquel, arsênico, mercúrio" (Preciado, 2023, p. 223), minérios esses extraídos da República Democrática do Congo, por exemplo. Refletir sobre essa "caneta" material que desenha as imagens de Ferrão, à luz também de Walter Lippold e Deivison Faustino (2022), que discutem o colonialismo digital como atualização do imperialismo sobre o Sul Global, deslocou minha admiração inicial diante da obra para uma leitura mais ambivalente: a mesma ferramenta que devolve ao corpo negro a autoria de seu afeto depende de uma cadeia de extração mineral e de trabalho precarizado que recai sobre corpos racializados.

A obra ainda deve ser pensada a partir de um ponto decisivo: diferente do grito narrado por Fanon, a artista possui, aqui, domínio sobre o que será mostrado no resultado final. Se, na cena de Fanon, o corpo negro é objeto passivo de uma interpelação que não solicitou nem controla, em *Álbum de Desesquecimentos* é a artista negra quem convoca a máquina, quem escreve o comando textual, quem pesquisa o arquivo antes de acionar o algoritmo, quem decide o que a ferramenta deve gerar e recusa o que ela gera mal. É uma fala que, ainda que mediada por uma tecnologia comprometida, assume a forma de uma imagem à qual a artista confere, deliberadamente, o estatuto de ficção especulativa, e não de prova histórica. A obra devolve ao corpo negro imagens de amor e intimidade que a máscara colonial tornou historicamente impronunciáveis, ao mesmo tempo em que se apoia num sistema técnico sustentado pela mesma lógica de exploração racial que busca, em sua superfície, desfazer. Assim como os estágios de negação, culpa, vergonha, reconhecimento e reparação, propostos por Paul Gilroy e retomados por Kilomba, a experiência de visitar a exposição não me ofereceu uma resolução fácil dessa contradição, mas tornou-a visível o suficiente para que deixe de ser, também, um segredo bem guardado, permanecendo como estímulo para seguir pensando as tensões entre tecnologia, raça e memória em minha pesquisa.

Palavras-chave: Inteligência artificial; Arquivo colonial; Memória negra; Colonialismo digital; Fotografia.

REFERÊNCIAS

ANDRADE, Érico. **Negritude sem identidade:** sobre as narrativas singulares das pessoas negras. São Paulo: N-1 Edições, 2023.



COMO SERÁ O
AMANHÃ?

13º ENCONTRO DE DIVULGAÇÃO DE CIÊNCIA E CULTURAL



BENJAMIN, Ruha. **Race After Technology**: Abolitionist Tools for the New Jim Code. Cambridge: Polity Press, 2019.

FANON, Frantz. **Pele negra, máscaras brancas**. Tradução de Renato da Silveira. Salvador: EDUFBA, 2008.

FERRÃO, Mayara; SILVA E SOUSA, Fernanda. Álbum de desesquecimentos. **Revista ZUM**, n. 27, 6 jan. 2025. Disponível em: <https://revistazum.com.br/revista-zum-27/album-de-desesquecimentos/>. Acesso em: 6 jul. 2026.

FERRÃO, Mayara. Álbum de Desesquecimentos. **Behance**, 2025. Disponível em: <https://www.behance.net/gallery/199780269/Album-de-Desesquecimentos>. Acesso em: 6 jul. 2026.

KILOMBA, Grada. **Memórias da plantação**: episódios de racismo cotidiano. Tradução de Jess Oliveira. Rio de Janeiro: Cobogó, 2019.

LIPPOLD, Walter; FAUSTINO, Deivison. **Colonialismo digital, racismo e a acumulação primitiva de dados**. *Germinal: marxismo e educação em debate*, Salvador, v. 14, n. 2, p. 56-78, ago. 2022.

PRECIADO, Paul B. **Dysphoria mundi**: o som do mundo desmoronando. Tradução de Eliana Aguiar. Rio de Janeiro: Zahar, 2023.

SILVA, Tarcízio. **Raça depois da tecnologia**: ferramentas abolicionistas contra os novos racismos. Tarcízio Silva, 22 set. 2019. Disponível em: <https://tarciziosilva.com.br/raca-depois-da-tecnologia-ferramentas-abolicionista-s-contra-os-novos-racismos/>. Acesso em: 6 jul. 2026.

SILVA, Tarcízio. **Visão Computacional e Racismo Algorítmico**: Branquitude e Opacidade no Aprendizado de Máquina. **Revista da Associação Brasileira de Pesquisadores/as Negros/as (ABPN)**, v. 12, p. 428-448, 2020.